

Entre a natureza e a cultura: a relação entre políticas públicas ambientais e o fandango de Iguape e Cananéia (SP)

Cintia B. Ferrero

Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP – São Paulo

e-mail: bisconsin@ig.com.br

Sumário:

Esta comunicação trata da relação simbiótica entre a natureza e a cultura de populações tradicionais, como os caiçaras de Iguape e Cananéia (SP), e em que sentido as leis ambientais afetaram a prática musical destas comunidades. Trata também da (re)criação da identidade caiçara motivada principalmente por grupos ambientalistas, associações e projetos culturais, com a preocupação de mapear e registrar a prática musical na região.

Palavras-Chave: fandango, viola branca, cultura tradicional caiçara, leis ambientais, Patrimônio Cultural Imaterial.

Introdução

Compreender a prática musical em simbiose com a natureza, como acontece em comunidades tradicionais, é compreender que uma vez afetada a relação que essas comunidades têm com seu espaço, a sua prática musical também será direta e/ou indiretamente afetada. Em certo sentido, foi o que ocorreu com as comunidades tradicionais caiçaras de Iguape e Cananéia, principalmente aquelas que viviam dentro da Juréia, onde hoje encontra-se a Estação Ecológica Juréia-Itatins.

Portanto, esta comunicação aborda uma parte significativa da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Unesp (Etnomusicologia), Mestrado, sob orientação do Prof. Dr. Alberto T. Ikeda, com o apoio da Fapesp¹, já que é impossível ignorar o tema da relação entre natureza e cultura, seja ao consultar a bibliografia sobre o mesmo ou conversar com músicos e construtores de instrumentos musicais da região. No momento apresento um panorama da situação atual da prática da música tradicional da região, o fandango, ou, como é chamado hoje em dia, o baile de viola². Discuto os reflexos das restrições ambientais, que podem ser observados atualmente na prática musical, e a renovação da música tradicional nessas localidades.

¹ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² Outro nome dado ao fandango atualmente, já que nessas localidades são executados apenas dois ritmos (marcas), o *dondom* e a *chamarrita*, pertencentes ao grupo do fandango valsado ou, como os caiçaras costumam dizer, o bailado. A viola branca é o principal instrumento musical no baile, daí o nome baile **de viola**. O grupo musical é composto sempre por dois violeiros, que também cantam, e complementado com outros instrumentos, como rabeça, pandeiro, cavaquinho (ou mesmo o machete), timba etc...

A Estação Ecológica Juréia-Itatins e o fandango

A Estação Ecológica Juréia-Itatins – EEJI – está localizada a 150km da cidade de São Paulo. Possui área de 79.230ha, abrangendo os municípios de Peruíbe (pertencente à Baixada Santista), Iguape, Itariri e Miracatu (estes três pertencentes ao Vale do Ribeira). De acordo com dados levantados por Nunes (2003), 79,15% da Estação está em Iguape. O decreto da criação da Estação Ecológica (EE) data de 1986. Um dos motivos para sua criação, amplamente divulgado, foi impedir a construção de usinas nucleares na região, além de barrar a especulação imobiliária, que depredaria a Mata Atlântica. A partir daí, ocorreu uma sucessão de eventos que interferiram diretamente na vida das populações tradicionais do interior da Juréia (Cf. NUNES, 2003).

Antonio Carlos Sant’Ana Diegues, professor da Universidade de São Paulo e coordenador científico do NUPAUB (Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas do Brasil), reforça a idéia, em seus textos, do que ele chama de “mito moderno da natureza intocada” na criação de alguns tipos de unidades de conservação, principalmente aquelas mais restritivas, como é o caso da Estação Ecológica. Certos modelos de preservação ambiental adotados por países do Terceiro Mundo, baseiam-se nos modelos adotados nos EUA. Tais modelos estão fundamentados na visão do homem como destruidor da natureza, por isso, diante da expansão urbano-industrial naquele país, surgiu a idéia de conservação de certos espaços considerados de “natureza selvagem”. Entretanto, tais modelos entraram em conflito com a realidade dos países tropicais, já que “as florestas eram habitadas por populações indígenas e outros grupos tradicionais” (Cf. Diegues, 2004: 11).

A imposição de neomitos (a natureza selvagem intocada) e de espaços públicos sobre os espaços dos “comunitários” e sobre os mitos bioantropomórficos (o homem como parte da natureza) tem gerado conflitos graves. Em muitos casos, eles têm acarretado a expulsão dos moradores tradicionais de seus territórios ancestrais, como exige a legislação referentes à unidades de conservação restritivas. (Diegues, 2004: 11).

Diante deste modelo, os moradores da Juréia passaram a ser considerados nocivos à natureza, quando a realidade era completamente inversa. O resultado é que a maioria teve que abandonar seus sítios e suas casas, espalhando-se pela região. Poucos permaneceram dentro da Juréia, como o caso da comunidade da Cachoeira do Guilherme (hoje restam pouquíssimas famílias). Parte deles continuou habitando Iguape, nos bairros próximos à Juréia (Barra do Ribeira, Vila Nova e Icapara), e parte ocupou o centro urbano da cidade. Criou-se um novo espaço para este caçara, acostumado com a lida no campo e a pesca, e uma nova realidade de vida (busca de emprego para sua manutenção, o que se dava basicamente pela agricultura familiar e venda de excedentes).

O fandango possuía relação direta com os mutirões. O mutirão, segundo Antonio Cândido, consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliaram. Este chamado não falta, porque é praticamente impossível a um lavrador, que só dispõe de mão-de-obra doméstica, dar conta do ano agrícola sem cooperação vicinal (1975: 68).

O fandango, após o mutirão, possuía a conotação de celebração. Dançava-se a noite toda, até o amanhecer. Hoje praticamente não há mutirão nessas localidades, porque quase não há mais sítios. Conseqüentemente, a prática do fandango foi perdendo sua freqüência.

No novo espaço, o caçara necessita de um novo “motivo” para fazer fandango. Hoje em dia, nota-se uma renovação desta tradição, a qual acreditava-se haver quase desaparecido em Iguape e Cananéia.

Baile de viola, de viola branca

Nos centros urbanos de Iguape e Cananéia, não é difícil encontrar alguém que toque viola branca³. Entretanto, muitos já não praticam mais, seja pela perda de seu parceiro, já que os violeiros cantam em dupla, seja por motivos religiosos ou mesmo pela simples falta de uma razão para tocar.

Em Iguape, D. Maria das Neves coordena o grupo Sandália de Prata. Ela mantém nos fundos de sua casa um salão, no qual todos os sábados são realizados os bailes de viola, exceto durante a quaresma. Há também em Iguape a Associação Jovens da Juréia (AJJ), a qual possui a preocupação de preservar também o fandango batido⁴. Em Cananéia, houve recentemente uma renovação de grupos de fandango, assim como a criação de novos. Há seis grupos de fandango em atividade, sem contar os grupos mirins. São eles: Grupo de Fandango Caiçaras de Cananéia, Grupo de Fandango Caiçaras do Acaraú, Grupo de Fandango Viola de Ouro (do bairro de São Paulo Bagre) e o Grupo de Fandango Tradição do Carijo. Na Ilha do Cardoso, há o Grupo de Fandango Jovens Fandangueiros de Itacuruçá e o Grupo de Fandango do Marujá. Há também a família Pereira, conhecida por toda a região e arredores (alguns deles, como Sr. Zé Pereira, além de tocar vários instrumentos musicais e cantar também os constroem).

Com a diminuição do número de sítios, já não há tantos mutirões como antes. Os caiçaras que ainda permanecem nos sítios mantêm esta tradição, embora não haja mais tantos vizinhos como antes. Os caiçaras que migraram para outras localidades, e principalmente aqueles que foram para os centros urbanos, estão encontrando o “motivo” para realizar os bailes. A cultura não é estática, ela se renova e se adapta ao novo espaço. Diegues chama a isto de “‘caiçarização’ dos espaços peri-urbanos, onde os migrantes, em muitos casos, continuam com suas atividades pesqueiras e, em outros, combinam pesca com serviços (turismo, construção civil)” (2006: 15). Com a prática musical ocorre o mesmo. O grupo Sandália de Prata, por exemplo, além de manter a frequência dos bailes, continua mantendo a tradição de, durante a quaresma, suspender as atividades e pendurar as violas nas paredes, para serem retiradas de lá apenas no Sábado de Aleluia. E ainda antes, durante o carnaval, há três dias de baile (de viola). Os bailes do grupo Sandália de Prata são abertos e não somente para determinada comunidade ou grupo de pessoas, e por este motivo cobra-se um pequeno valor. Do total arrecadado por baile, D. Maria das Neves cuida da manutenção do salão e paga a cada músico um “cachê”.

Diegues chama a atenção para o processo de globalização, o qual considera como um processo de mão dupla, e dentro dele “há processos que contribuem ao ressurgimento de diversas formas de localismo cultural, que muitas vezes, resultam na construção de novos referentes simbólicos de identidade, através da valorização das memórias e do patrimônio” (2006: 18).

No caso de Iguape e Cananéia, nota-se que a EEJI foi, por um lado, o motivo desagregador da cultura tradicional caiçara naquela localidade, mas por outro gerou uma importante articulação, principalmente entre ambientalistas, no sentido de incorporar as populações tradicionais às leis ambientais. Todo esse movimento contribuiu significativamente para a renovação da prática musical dessa população, culminando em vários projetos, associações e atraindo a atenção dos

³ A viola branca é construída artesanalmente, a partir da caxeta, madeira típica da região. Possui normalmente cinco cordas, podendo, as duas mais graves, serem duplas (ou somente uma delas). As violas de Cananéia apresentam uma cravelha instalada na junção do braço com o corpo do instrumento. A corda que fica presa nesta cravelha é mais curta, funcionando como um pedal afinado em lá (aproximadamente 440Hz). Sua afinação é (de cima para baixo): ré – sol – dó – mi – lá. É encontrada principalmente no litoral sul paulista e no litoral do Paraná, sendo considerada um instrumento típico da região. Há muitos construtores em atividade, inclusive fazendo experimentos com novas madeiras, além daquelas utilizadas costumeiramente – a caxeta e a canela (esta, para detalhes no tampo, para o rastilho, o cavalete e as cravelhas).

⁴ Citado por Maynard Araújo (1967) como fandango rufado ou sapateado. Grupo de marcas (ritmos) em que os homens sapateiam e as mulheres acompanham com algumas evoluções, mas sem sapatear. Tradicionalmente, são usados tamancos de madeira para o sapateado.

meios de comunicação. Conseqüentemente, essa população, “ignorada” no momento de instalação da Estação Ecológica passou a ganhar voz ativa.

Estão em fase de conclusão dois projetos patrocinados pelo Ministério da Cultura, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, e Petrobras: Viola Peregrina, da Ong Mõngue (Peruíbe), e o Museu Vivo do Fandango, da Associação Cultural Caburé (Rio de Janeiro). Uma das funções destes projetos era basicamente registrar e mapear a prática do fandango na região e arredores (o Projeto Museu Vivo do Fandango se mostra mais abrangente do que o Viola Peregrina). Em Cananéia, a Rede Cananéia foi uma motivadora para o ressurgimento do fandango, auxiliando os grupos e promovendo esporadicamente o que eles chamam de “domingueiras”, que são bailes realizados em uma praça pública durante uma tarde inteira de domingo. E por último, a presença do NUPAUB, dando apoio às comunidades tradicionais caiçaras e aos pesquisadores.

Portanto, é possível notar que os caiçaras descobriram novos motivos para a prática do fandango, renovando-se a partir do novo contexto e do novo espaço em que se encontra. Em alguns casos, os músicos e grupos recebem pagamento pela atividade, em outros, como em festivais, ganham notoriedade. Assim, a viola branca, objeto de minha pesquisa, tem vários motivos para continuar sendo construída e aperfeiçoada.

Considerações finais

A viola branca, principal instrumento musical do fandango e das manifestações musicais tradicionais de Iguape e Cananéia (Reiada⁵, Bandeira do Divino, Romaria etc), nunca foi substituída por instrumentos industrializados. Até mesmo a rabeca, em alguns casos, como acontece com o grupo Sandália de Prata, chega a ser substituída pelo cavaquinho, mas sem viola branca não há baile, nem mesmo com violões ou viola caipira (ou sertaneja, como é denominada pelos caiçaras). Ela jamais deixou de ser construída, e mesmo se a aquisição da caxeta torna-se difícil, os construtores buscam novos materiais. Isto faz dela um símbolo da tradição musical dessa região, o que reforça a identidade caiçara. O que se observa é que a afirmação dessa identidade tornou-se necessária principalmente após a interferência das leis ambientais na vida das populações tradicionais, seguidas por grupos religiosos.

As associações e Ongs, com seus projetos, têm contribuído com a divulgação do fandango e também motiva sua reestruturação. Atualmente, discute-se em órgãos públicos a preservação do Patrimônio Cultural Imaterial, levando-se em consideração a mobilidade de uma tradição cultural. Entretanto, ainda são comuns, entre os fandangueiros, queixas sobre estes projetos, no sentido de que muita informação e registro áudio-visual e/ou áudio é extraído, publicado e vendido, sem que a comunidade perceba um retorno real a elas próprias, que, de modo geral, são muito pobres. Contudo, é inegável a contribuição desses projetos na “revitalização” do fandango. Um exemplo significativo é o movimento ocorrido em Cananéia nos últimos quatro anos, motivado pela Rede Cananéia.

Dentre todos estes fatos, a criação, ou como prefiro chamar, a (re)criação da identidade caiçara sem dúvida merece destaque, sendo a propulsora de todas as associações e projetos existentes. Diegues (2006) reflete à luz do pensamento de García Canclini⁶ sobre a persistência de culturas tradicionais, como a caiçara.

Canclini (2003) atribui a persistência das culturas tradicionais a diversos fatores, como: a) à necessidade do mercado de incluir as estruturas e os bens simbólicos tradicionais nos circuitos de comunicação de massa, para atingir mesmo as camadas menos integradas à modernidade; b) à impossibilidade de incorporar toda a população à produção industrial urbana; c) ao interesse dos sistemas políticos em levar em conta as culturas tradicionais a fim

⁵ Também conhecida em outras regiões como Reisado, Folia de Reis, etc...

⁶ Canclini, N. Garcia (2003). *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp *apud* Diegues, 2006: 16-17.

de fortalecer sua legitimidade e d) à continuidade na produção cultural dos setores populares (2006: 16-17).

Diegues ainda observa que “a cultura caiçara, como toda cultura, é o resultado de uma combinação, sempre renovada de suas fontes em contato com outros padrões culturais” (2006: 17). Portanto, a cultura tradicional não é estática. A EEJI talvez tenha apenas antecipado um processo inevitável. Os ambientalistas, neste caso, têm liderado discussões sobre a inclusão dessas populações nas leis ambientais, fazendo com que pesquisadores de diversas áreas e poder público voltassem a atenção para elas. A consequência é a atual discussão sobre o Patrimônio Imaterial, como o Patrimônio Cultural Caiçara.

Concluo esta comunicação sublinhando a noção de preservação no caso de Patrimônio Cultural Imaterial. Não se deve congelar, neste caso, a prática musical de tradição caiçara, mas observar suas transformações e permitir que essas populações continuem cultivando suas tradições.

Referências Bibliográficas

- Araújo, Alceu Maynard. (1967). Folclore Nacional: Dança, recreação e música. São Paulo: Melhoramentos (v.2, 2ªed.).
- Cândido, Antonio. (1975). Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades (3ªed.).
- Diegues, Antonio Carlos Sant'Anna. (2004). O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Hucitec; NUPAUB; Usp (4ªed.).
- . (org). (2006). Enciclopédia Caiçara: festas, lendas e mitos caiçaras. São Paulo: Hucitec: USP, NUPAUB/CEC (v.5).
- Nunes, Márcia. (2003). Do passado ao futuro dos moradores tradicionais da estação Ecológica Juréia-Itatins/SP. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) – Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. (168p.).

Sites Consultados

<<http://www.mongue.org.br/violaperegrina>>. Acessado em 30 abr 2006.

<<http://www.museuvivodofandango.com.br>>. Acessado em 10 jul 2006.